

Muito além das telas

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

FOTOS FLÁVIO DUTRA

O cinema universitário é uma presença crescente em festivais brasileiros e internacionais, mas para chegar à vitrine é preciso viver os bastidores das imagens

Um menino encontra um corpo na mata. Todos os olhares se voltam para o corpo. Ocupantes de um prédio abandonado recebem um aviso de que podem ser despejados a qualquer momento. Menina perturbada por mosquitos é misteriosamente levada até as ruínas de uma fábrica abandonada.

As cenas acima ilustram as tramas de três curtas inscritos na 43.ª edição do Festival de Cinema de Gramado: *O corpo*; *O teto sobre nós*; e *Bruxa de fábrica*, respectivamente dirigidos por Lucas Cassales, Bruno Carboni e Francisco Sieczkowski. Os dois primeiros são realizações das produtoras Sofá Verde e Tokio Filmes, ambas de ex-alunos do curso superior de Tecnologia em Produção Audiovisual da PUCRS, e o terceiro é uma produção da Unisinos, fruto do trabalho de estudantes do Bacharelado em Realização Audiovisual.

Fatimarlei Lunardelli, jornalista da UFRGS, crítica de cinema e pesquisadora, há anos participa da seleção dos curtas inscritos para o festival da serra gaúcha, assim como de outros concursos. Ela comenta que, para a edição de 2015, foram 110 candidatas na categoria curtas nacionais, sendo que, dos 19 filmes selecionados, seis tinham sido realizados por estudantes de diferentes universidades. Esses 31% correspondem a uma produção que tem crescido nos últimos anos: o cinema universitário.

Assim como seus colegas de júri, Fatimarlei destaca a maturidade da abordagem dos temas, “especialmente considerando que são jovens entre 18 e 20 anos”. Esse aspecto contribuiu para qualificar ainda mais os filmes, e, para a pesquisadora, fez com que o cinema universitário deixasse de ser uma categoria isolada em Gramado, sendo incorporada à classificação de curtas gaúchos.

89 cursos – Quem consulta o sistema *e-mec*, utilizando como palavras-chave os termos “cinema” ou “audiovisual”, vê que existem hoje 89 ofertas de graduação no país. No Rio Grande do Sul, além dos cursos oferecidos pela PUCRS e pela Unisinos, há mais três: Curso Superior de Tecnologia em Produção Audiovisual, da Ulbra; Produção em Mídia Audiovisual, na UNISC; Cinema de Animação e Cinema e Audiovisual, na UFPel. Eles se diferenciam pelas modalidades de bacharelado ou graduação tecnológica, variando de dois a quatro anos de duração, o que implica maior ou menor ênfase aos aspectos técnicos e/ou teóricos.

Luciana Rodrigues, presidente do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine) e professora do curso de Cinema da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo, avalia que a expansão da área nos últimos 12 anos explica-se em especial pelos avanços tecnológicos que permitiram a produção digital de cinema, barateando o custo do processo. Independentemente do que a proliferação de cursos possa repercutir na oferta de vagas no mercado de trabalho, a dirigente afirma que existe espaço para todos: “Cinema não pode ser pensado somente na tela grande. Há trabalho em ONGs, em festivais, cinematecas. Mas, infelizmente, boa parte dessas oportunidades ainda está concentrada no eixo Rio-São Paulo”.

Por outro lado, ela critica o fato de a linguagem audiovisual não ser ensinada nas escolas, desinformação que vai refletir-se na graduação. Considerando o volume de conhecimentos a serem trabalhados durante o curso e a duração da formação superior, Luciana lembra o comentário do professor da USP Ismael Xavier, grande pensador do cinema brasileiro e autor de uma das obras mais importantes editadas no país sobre teoria cinematográfica: “Você já notou que a gente tem de formar verdadeiros Leonardos Da Vinci em quatro anos? Eles são pesquisadores, críticos, historiadores, diretores, fotógrafos, diretores de arte, diretores de atores, montadores... É muito trabalho pra pouco tempo”!

Estudantes do Curso de Realização Audiovisual da Unisinos (CRAV) durante as gravações de imagens nos dias 18, 19 e 20 de setembro deste ano em diferentes locações na grande Porto Alegre. Na pauta, os filmes *Labirinto do Desejo* e *As Meninas*.

Acima de tudo, a paixão pela imagem

Desde o tempo de colégio, Eduardo Teixeira da Silva já gostava de TV, especialmente das séries. Por isso, quando entrou no curso de bacharelado em Realização Audiovisual da Unisinos, em 2009, foi fácil para ele entender que não estava ali exclusivamente para aprender a fazer cinema, mas que o curso envolvia também outras plataformas. O que implicava desmistificar a ideia corrente de que somente cinema pode ser um produto de qualidade ou mesmo uma realização considerada arte.

Quando essa mudança de perspectiva não ocorre, Eduardo diz que o mercado de trabalho pode resultar em frustração para aqueles que não conseguem desenvolver tudo aquilo que imaginavam poder fazer quando formados. “Eu sou uma pessoa que sempre gostou de televisão, de produtos de televisão, por isso nunca tive preconceito. Para mim um filme não é melhor do que uma novela. Mas eu tinha colegas que

só queriam cinema, e outros que gostavam de coisas mais comerciais. Esses grupos refletem o que será o mercado.” Reconhecer e respeitar esses diferentes pontos de vista, na avaliação do jovem cineasta, acaba sendo um importante aprendizado. Mesmo assim, ele comenta: “Ninguém contrata um diretor recém-formado”.

Experiente em produtos televisivos, pois durante toda a graduação estagiou na TV de sua universidade e desde junho do ano passado foi contratado pela UfrgsTV, Eduardo comenta que as próprias TVs abertas estão optando por mais estética e valor narrativo em suas realizações: “Não dá mais pra falar só em cinema ou em televisão, as coisas estão se misturando. Até a nomenclatura dos cursos está mudando”, justifica.

Por outro lado, assim como seus colegas, foi a vontade de fazer cinema que o trouxe à universidade. O interesse começou no início do ensino médio, numa escola pública de Guaíba,

onde morava com os pais – proprietários de um armazém – e o irmão mais velho. Ele e alguns amigos de colégio decidiram participar do Festival Estudantil de Cinema da cidade, cujo idealizador é o jornalista e professor de Filosofia Valmir Michelin. Mesmo com toda inespiciência e tendo que pedir câmera emprestada para filmar um curta de terror, acabaram recebendo quatro prêmios: melhor filme, melhor direção, melhor atriz e melhor filme por voto popular.

Já naquela época, sem saber, Eduardo experimentou uma situação recorrente no meio cinematográfico, e que constataria durante a graduação: geralmente quem dirige faz o roteiro e muitas vezes também produz. Em seu caso, além disso, atuou, pois estudava teatro e seu sonho era ser ator. Desejo que o fez tentar a sorte durante três meses em São Paulo logo que concluiu o colégio e mesmo antes de prestar vestibular. Vinculado a uma agência de modelos

(“devia mesmo era ter me cadastrado em uma agência de atores”, reclama) buscava iniciar uma carreira. E foi fazendo ponta num filme realizado por universitários que ficou fascinado com o complexo e encadeado trabalho por trás das câmeras.

De volta a Guaíba, vai procurar pela segunda vez a Casa de Cinema de Porto Alegre. A primeira vez ainda estava com 14 anos e pensava poder atuar em algum dos filmes da produtora gaúcha. Mas naquele momento, 2008, desejava orientação quanto a qual curso fazer para estudar cinema. Entrou no site da Casa e escolheu escrever para Jorge Furtado. “Oi Jorge, estou pensando em estudar cinema, o que tu achas dos cursos?” A resposta viria apontando para muitos lados, pois Jorge alegava ter “amigos competentes” tanto na PUC [Carlos Gerbase] quanto na Unisinos [Giba Assis Brasil]. A decisão viria em função da maior carga horária do curso de São

Cineasta professora

Flávia Seligman foi a primeira professora de cinema a obter título de mestre no estado. Era o ano de 1990 e a maioria dos docentes na área de cinema era formada em jornalismo, e nenhum possuía a titulação que atualmente é exigida pelo MEC. Apaixonada por cinema desde a adolescência – aos 14 anos ganhou do pai sua primeira filmadora Canon –, assim que concluiu jornalismo na PUC/RS mudou-se para São Paulo para fazer mestrado em Artes na USP. O tema de sua pesquisa: *Verdes Anos do Cinema Gaúcho: o ciclo super-8 em Porto Alegre*. Em 2000, concluiu o doutorado na mesma instituição, abordando o tema: *O Brasil é feito pornô: o ciclo da pornochanchada no país dos governos militares*. Ao acompanhar a carreira docente de Flávia quando ela retorna a Porto Alegre, é possível escrever um pouco da história do ensino de cinema e audiovisual gaúcho.

Anos 70

A produção de curtas em Porto Alegre era feita por um grupo de cinéfilos como Tuió Becker, Sérgio Silva e Antônio Carlos Textor. “Eram filmes mais intelectuais”, comenta Flávia: “produções independentes”. Sérgio Silva havia sido professor de Flávia no ensino médio: “Foi com quem aprendi literatura, português e sobre a vida”. Anos depois, trabalharia como sua assistente de direção.

1986

Forma-se em Jornalismo pela PUC. A razão principal da escolha pelo curso fora a possibilidade de trabalhar com rádio e televisão. Isso muda, porém, no primeiro ano de faculdade, quando vai ao Festival de Gramado, assiste ao documentário *Jango*, e conhece o diretor Sílvio Tendler: “Minha vida mudou”. Foram suas conversas com o cineasta que a inspiraram a fazer mestrado na USP assim que se formou em Jornalismo.

1987

Dirige o curta *Prazer em conhecê-la*, baseado numa crônica de Fernando Sabino. Nessa época, o movimento da publicidade era intenso no estado, com grande proliferação de produtoras na área de propaganda. Flávia ingressa nesse segmento e faz assistência de direção e produção. Também estava começando a Casa de Cinema, reunindo cineastas que trabalhavam juntos desde o início dos anos 80.

1990

Conclui o mestrado. É o tempo que morou em São Paulo, trabalhou com produção e continuação de filmes como *Tanastah* pernambucano Almir e *Música*, do mineiro Conde.

1991

É convidada para dar cinema no curso de e em Teoria do Jornalismo.

Entre bonecos e cenários

No início de 2014, formou-se a primeira turma de Cinema de Animação da UFPel, segmento que vem despontando com força em âmbito mundial e cuja realização brasileira tem-se destacado nos últimos dois anos. Em 2013, *Uma história de amor e fúria*, de Luiz Bolognesi, e, no ano passado, *O menino e o mundo*, de Alê Abreu, ambos longas-metragens, conquistaram o prêmio principal (Cristal Award – Melhor Longa-Metragem) do maior festival de cinema de animação, o Annecy International Animated Film Festival, em Annecy, na França.

De acordo com a coordenadora do curso, Carla Schneider, entre a produção de outros longas e curtas-metragens deste segmento de produção cinematográfica, é possível notar o constante crescimento do cinema de animação como mercado de trabalho, principalmente no Brasil, pelo do aumento de filmes que participam no Festival Internacional da Animação - Anima Mundi, ao longo de sua vigência (1993 a 2015) e dos debates no Anima Fórum (2007 a 2015).

Mas, embora estejamos vivenciando uma safra promissora de longas-metragens brasileiros em animação, Carla comenta que o curta-metragem ainda é um formato fundamental para a formação e experimentação da linguagem e das técnicas de animação. “Este é o formato que trabalhamos na

formação dos estudantes em cinema de animação na UFPel”, acrescenta. Além do curso em Pelotas, existe apenas mais um em âmbito nacional, que é o de *Cinema de Animação e Artes Digitais*, da UFMG.

Quanto ao mercado de trabalho, Camila Mitiko, 24 anos, formada em 2014 pela UFPel, comenta: “O mercado de animação tem crescido bastante nos últimos anos aqui no Brasil; muitas séries de TV estão sendo produzidas por estúdios brasileiros. No entanto, ainda é difícil conseguir uma vaga nesses estúdios, uma vez que raramente divulgam as disponibilidades e, quando divulgam, optam por contatos já conhecidos, sendo mais difícil para recém-formados entrar no mercado enquanto não estabelecem uma rede de contatos”.

Da mesma turma de formatura de Camila, Bruna de Paula, 23 anos, também avalia as alternativas: “Como nosso curso é muito novo, o mercado ainda carece de mão de obra qualificada, muitos dos profissionais hoje são autodidatas ou foram formados dentro dos primeiros estúdios de animação que conseguiram se estabelecer. Para os profissionais formados e com experiência, encontramos muita oferta de emprego fixo e oportunidades freelancer, principalmente no ramo da publicidade e de séries de animação. Para

quem ainda está cursando também há muitas vagas de estágio”, diz com entusiasmo.

Noite fria – Ao recordar momentos especiais durante a graduação, Bruna conta sobre como seu grupo concebeu o curta *Dinoshop*, que foi exibido em diversos festivais pelo Brasil, inclusive no Dia da Animação, na edição de 2013. *Dinoshop* é o um curta-metragem em stop-motion com bonecos de papertoy. Havia apenas um mês para produzir tudo, “era um prazo muito apertado”, e a maior parte do tempo elas usaram fazendo o planejamento: “cerca de duas semanas e meia. Por sorte, conseguiram uma câmera Nikon emprestada. Por outro lado, só teriam uma semana para utilizá-la. O QG foi montado na casa de Bruna, e as cinco garotas passaram o período se revezando dia e noite na montagem de bonecos, animando e fotografando tudo, além de dormir esticadas no sofá nas mudanças de turno. “E, pra piorar, aquela foi a semana mais fria de Pelotas nos últimos 10 ou 15 anos. “No fim, estávamos exaustas.” Na semana seguinte, quando terminaram de montar o filme, foi uma surpresa: “Não só tinha dado certo pelo que tínhamos planejado, como foi o melhor filme que fizemos no curso todo. Foi uma alegria sem tamanho, recompensou demais o nosso esforço. Até hoje o filme circula por aí ou é convidado pra ser exibido em mostras infantis”.

O entusiasmo de Maria Eduarda

O relato de uma das novas alunas da UFPel ilustra como é viver a realização de um sonho:

Olá, meu nome é Maria Eduarda Vieira Dal Molin, tenho 19 anos e sou aluna do 2.º semestre do curso de Cinema de Animação da UFPel. Sou de Ijuí, cidade localizada no noroeste do estado, e realizei a prova do ENEM para ingressar no curso no início desse ano. Não trabalho.

Então, quando as pessoas me questionam por que cursar Cinema, é difícil responder. Não tenho uma razão específica para tanto. Fazer o que estou fazendo, para mim, parece ser o certo. É uma paixão que eu tenho, independentemente da técnica, misturada com um querer fazer parte desse mundo.

Eu quero estar discutindo a criação de um roteiro, as características que os personagens terão, a estética que se procura utilizar nos produtos, enfim, desde os aspectos mais gerais até os menores que envolvem a realização de produtos cinematográficos. É um sentimento de pertencimento que eu sinto quando penso a razão de estar cursando Cinema de Animação.

O tempo que eu passo na universidade é bem grande, tem dias da semana que eu só volto pra casa para dormir (risos), mas mesmo assim é uma coisa muito gostosa estar na universidade, ver colegas e aproveitar o estar com eles, porque ao mesmo tempo que estamos fazendo o que nos é exigido, também estamos discutindo questões sobre cinema e nos divertindo. Então, o tempo que eu passo na universidade não é algo que me pesa de estar lá - me cansa sim, mas é algo muito prazeroso. Não possuo nenhuma experiência ‘de trabalho’, mas posso dizer que as minhas primeiras experiências, que acredito abrirão muitas portas, estão em fase de produção e sendo muito bacanas de realizar.

Como o curso tem 4 anos e praticamente já se foi 1, pretendo me formar em 3 anos. Até lá, acredito que vou ter encontrado a área, ou as áreas, em que mais tenha afinidade na animação. A partir daí, meus planos são trabalhar muito, pois gostaria de chegar a um ponto da minha carreira que as pessoas olhassem para os filmes de que farei parte da equipe e identificassem o meu jeito de fazer cinema. Mas tem um longo caminho pra chegar lá, então, por enquanto, vou juntando experiências (risos). Os meus receios, entre tantos, são de chegar ao mercado e ele estar tão saturado que o meu trabalho não se torne tão bom quanto eu queria que fosse.



Leopoldo: “Achei que precisava mais tempo para aprender”. Mesmo sendo um curso caro, hoje a mensalidade está em torno de R\$ 3 mil, seus pais sempre o incentivaram a seguir estudando.

Formado em 2014, Eduardo está convicto da importância de ter mantido o vínculo com seus colegas de grupo da faculdade para o início e a continuidade de sua trajetória profissional. Num sistema cooperativado, cada um tem sua própria empresa, mas interage na realização de projetos individuais ou coletivos. Com isso, têm-se mantido não apenas no mercado como também apostado em novos planos que não se restringem a desenvolver produtos audiovisuais. Em junho deste ano, por exemplo, ajudaram a organizar o curso sobre cinema ministrado durante a 14.ª edição do Festival Estudantil de Cinema de Guaíba. Inicialmente pensado para professores, a turma acabou sendo formada também por estudantes de diferentes idades.

1993

Durante o curso em São Paulo, foi assistente de produção em filmes, do curso de Cinema de Animação, de Guilherme; do curso de Cinema de Animação, de Rafael.

Maria da Graça Celente coordena o curso de Publicidade e Propaganda da PUC e convida Flávia para assumir a disciplina de cinema. Nessa época, foi colega de Carlos Gerbase e Anibal Damasceno Ferreira, entre outros. Enquanto não existiam cursos universitários de cinema no estado, os apaixonados pela sétima arte realizavam cursos de fotografia, trabalhavam em agências de publicidade.

1995

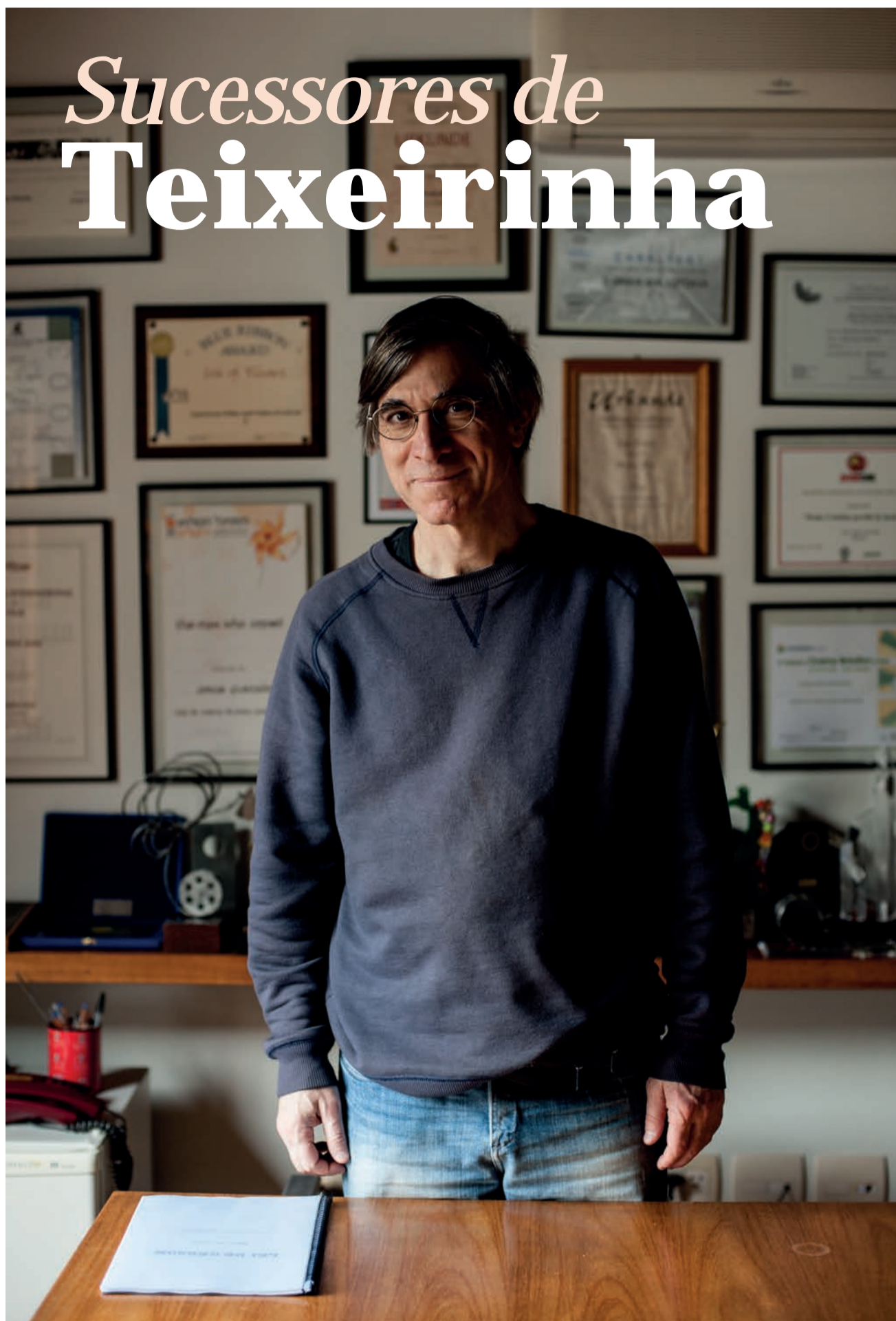
Flávia ajuda a criar e é a primeira coordenadora da especialização em Produção Cinematográfica na PUC/RS, primeira no estado.

2001

Assume como docente do curso de Publicidade da Faculdade de Comunicação da UFRGS, acumulando a docência na PUC até 2003, quando assume 40 horas na UFRGS. Até então, não havia curso só de cinema no RS.

2003

É convidada para dar aula no curso de cinema da Unisinós, primeiro no estado: “Uma proposta irrecusável: dar aula de cinema num curso de cinema! Era um sonho”. Com a abertura dos cursos na Unisinós e na PUC, ambos em 2003, começam também a surgir atividades como festivais (Festival Universitário, o Festival de Santa Maria).



Sucessores de Teixeira

Quando perguntam a Giba Assis Brasil como começou o seu amor pelo cinema, ele refaz a pergunta: “O que será isso: amar o cinema?”. E a resposta surpreende por vir de um dos mais importantes nomes da produção cinematográfica no estado: “Gosto mesmo é de literatura”, e ri muuuuito, antes de explicar: “As sacações que tive na literatura foram muito maiores do que aquelas fazendo cinema, sem sombra de dúvida”. Possivelmente por isso recomenda aos seus alunos do Curso de Graduação em Realização Audiovisual da Unisinos: “Leiam muito, vocês já viram filmes demais”.

Talvez amar seja um termo forte, mas o interesse de Giba pelas imagens em movimento é inegável desde o tempo da faculdade. Quando optou por estudar Jornalismo, abandonando o curso de Química, um de seus objetivos era escrever sobre cinema, embora afirme que nunca tivesse pensado em fazer filmes na universidade. Até alguns anos, a oportunidade de trabalhar com cinema na academia era por meio das poucas disciplinas oferecidas nos cursos de Comunicação. Assim, o único professor de cinema de Giba foi Luiz Carlos Merten, durante seu tempo de estudante na Fabico. No mais, aprendeu na prática.

“Não defendo o autodidatismo, mas

aprendi dessa forma. O que levei meses para entender poderia ter descoberto em cinco minutos. Eu gostaria muito de ter feito um curso, até por isso, quando me convidaram para ajudar a criar a graduação de cinema da Unisinos, fui com muito prazer”. Nessa época, ministrava as disciplinas de cinema no Jornalismo da UFRGS, mas, como não tinha feito pós-graduação, não compensava financeiramente. Além disso, pensa, eram poucos os alunos que se interessavam verdadeiramente.

Primeiro filme – No início dos anos 80, havia um grupo de diferentes profissionais em Porto Alegre que fazia experiências em Super-8, um tipo alternativo de bitola, mais acessível e que implicava menor custo. Giba interessou-se por essas incursões cinematográficas e começou a se aproximar desse pessoal. Foi quando conheceu o também jornalista Nelson Nadotti, com quem logo realizaria *Deu pra ti anos 70*, longa-metragem realizado em Super-8 que recebeu o prêmio de melhor filme da categoria no Festival de Gramado, em 1981, ano de sua produção.

Naquele momento estava sendo lançado *A filha de Iemanjá*, o último filme do músico Vitor Mateus Teixeira, o Teixeira, cujo

primeiro longa-metragem, *Coração de Luto*, estreara em 1966. “Podemos nos considerar filhos do ciclo Teixeira do cinema gaúcho, mas o fato é que a produção nunca parou no Rio Grande do Sul”, afirma o cineasta. Giba também acredita que, com o surgimento de ciclos regionais de curta duração, excetuando a concentração no eixo Rio-São Paulo, o ciclo Teixeira iniciado nos anos 60 durou mais tempo do que os demais: “Criou-se um público consumidor que, embora não fosse um público de cinema, queria ver o Teixeira”.

Além de fundar um mercado para a produção cinematográfica gaúcha, as realizações da produtora do cantor popular colaboraram para familiarizar os espectadores com a nova forma de produzir filmes e para mostrar que era possível fazer cinema no estado. Depois de realizar *Deu pra ti anos 70* com equipamentos caseiros, a próxima história – *Verdes Anos* – foi produzida com interesse comercial. Para isso, foi necessário equipamento adequado assim como pessoal tecnicamente qualificado para trabalhar na nova produção. As perguntas começaram: Quem tem câmera? Quem sabe operá-la? Onde e quem vai montar o filme? A resposta foi a mesma para todas as questões: “Vamos procurar o pessoal do Teixeira”.

Um desses contatos foi o fotógrafo de cinema Norberto Lubisco, que acabou trabalhando nos primeiros curtas de Giba. Outro colaborador foi Alfeu Godinho, que havia aprendido a montar com a equipe do Teixeira. “Aquele geração dos anos 60 foi fundamental para que déssemos o salto para a área profissional, aprendendo a fazer cinema de verdade. Por outro lado, com essa continuidade na produção, já que desde os anos 60 nunca deixamos de produzir, não dá mais para dizer que é um ciclo”, observa.

Em 1987, um grupo de cineastas gaúchos, entre eles Giba, Jorge Furtado e Carlos Gerbase, criou a Casa de Cinema, reunindo quatro pequenas produtoras. Era um sistema cooperativo que tinha por objetivo viabilizar a distribuição dos filmes já realizados e o planejamento de futuros projetos. Essa formatação seguiu até o ano de 1991, quando a Casa passou a funcionar como uma produtora independente, embora permanecendo com o viés cooperativo e a intenção de continuar difundindo os trabalhos do grupo original.

Expansão – De acordo com Giba, a produção de cinema no Brasil nos anos 80 passou por uma forte crise, especialmente no governo Collor. Quando realizaram *Verdes anos*, em 1983, o sistema de financiamento à produção nacional centrado na Embrafilme estava esgotado. Criada por decreto em 1969, a Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima tinha por função fomentar a produção e distribuição de produções nacionais. Sem a possibilidade de investimento federal, o primeiro filme com fins comerciais no qual estava trabalhando acabaria sendo produzido de forma cooperativa. “De certa forma, aquela crise foi consequência da crise econômica do país”, recorda.

Embora o modelo da Embrafilme tivesse alcançado bons resultados nos anos 1970 em termos de volume de produção e ocupação de mercado, passou a demonstrar o maior de seus defeitos: “A excessiva dependência que a cadeia produtiva tinha da própria estatal. Por isso, na segunda metade dos anos 80, a criação da Lei Sarney [primeira legislação de incentivos fiscais à produção cultural no Brasil] foi uma tentativa desajeitada e, em longo prazo, equivocada de minorar os efeitos das dificuldades da produção”.

Giba chama a atenção para as mudanças sofridas pelo cinema mundial: “Revolução digital, ‘shoppinização’, elitização e infantilização das plateias. Ao mesmo tempo, os cinemas de rua e de periferia desapareceram, o preço médio do ingresso quintuplicou e quem saiu perdendo com isso foi o cinema brasileiro”. Ele lembra que o país, que chegou a produzir 100 longas-metragens por ano entre 1978 e 1982, alcançando 35% da bilheteria total do mercado nacional, terminou na era Collor – quando foi fechada a Embrafilme – com 1 filme produzido em 1992. “Quando consegui se livrar dessas duas crises seguidas, já no governo Itamar Franco, o cinema brasileiro (que nunca chegou a ser uma indústria) teve de correr atrás de um sistema que tinha se modificado completamente, e custou a encontrar respostas”.

Hoje, o Brasil lança cerca de 150 filmes ao ano e a “produção continua aumentando”, garante o cineasta. Nesse processo, a passagem do analógico para o digital tem grande responsabilidade, impactando o trabalho com o audiovisual como um todo. Giba conta que, quando começou a fazer cinema, havia uma técnica de “feitura” que há décadas era a mesma, desde as primeiras etapas até a finalização, com pequenas novidades tecnológicas. “E para boa parte desse percurso não havia gente capacitada no estado. Esse foi durante muito tempo o motivo da concentração da produção cinematográfica no Brasil”, explica. Agora, o cenário é outro, até porque “praticamente não existe espaço para os autodidatas, como eu fui, do tipo que aprende fazendo. Esse, que era o modelo básico há 30 anos, hoje é exceção, não se contratam mais curiosos”, assegura.